

## OSMAN VIAJANTE



## NOTAS DE UMA AVENTURA, RESÍDUOS DA IMAGINAÇÃO

### NOTES ON AN ADVENTURE, RESIDUALS OF IMAGINATION

Maria Aracy Bonfim<sup>149</sup>

**Resumo:** O acesso aos manuscritos de Osman Lins (1924 – 1978) define de modo decisivo o avanço nas pesquisas que se debruçam sobre sua obra. Deste modo, neste artigo, apresentarei alguns dados colhidos em material que integra os arquivos públicos ou pessoais de pesquisadores e familiares de Lins e que compuseram minha apresentação no painel biográfico do V Encontro de Literatura Osmaniense, 2020, especialmente sobre a viagem do escritor brasileiro à Europa em 1961. A partir das anotações manuscritas feitas nesse período, e que foram, também, estrato do livro publicado em 1963, *Marinheiro de Primeira Viagem*, compartilho aqui o desenvolvimento da ideia do quanto o ato de viajar (e anotar) influenciou o fluxo textual de Osman Lins, por um lado como exercício, por outro, como uma forma alternativa de criação literária, melhor entendendo, em suas palavras, “necessidades (...) de me despojar do que eu chamaria os — resíduos da imaginação” (1979, p. 132). No reconhecimento de que as viagens feitas por Lins dotaram sua escrita de poderosa influência ficcional, serão apresentados, portanto, recortes da pesquisa desenvolvida por mim atualmente a partir das notas feitas por Lins em seus diários de bordo.

**Palavras-chave:** Osman Lins; Literatura de viagem; Arquivo Literário; Manuscritos; *Marinheiro de Primeira Viagem*.

**Abstract:** *The access to Osman Lins (1924 – 1978) manuscripts decisively defines the advance in researches that focuses on his work. Thus, in this article, I will present some collected data from material that integrates the public or personal archives of researchers and Lins' family members and that composed my presentation in the biographical panel of the V Encontro de Literatura Osmaniense, 2020, especially about the Brazilian writer's trip to Europe in 1961. Based on the handwritten annotations made during this period, which were also part of the book published in 1963, Marinheiro de Primeira Viagem, I share here the development of the idea of how much the act of traveling (and taking notes) influenced the flow textual work by Osman Lins, on the one hand as an exercise, on the other hand, as an alternative form of literary creation, better understanding, in his words, "needs (...) to divest myself of what I would call the — residues of imagination" (1979, p. 132). Recognizing that the trips made by Lins endowed his writing with a powerful fictional influence, excerpts from the research currently developed by me based on the notes made by Lins in his logbooks will be presented.*

---

<sup>149</sup> Professora Adjunta do Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas, na Universidade Federal do Maranhão. Pós-doutoranda com pesquisa intitulada “The Mystery and the Text: Paths and Consecration of the Word in Osman Lins”, sobre manuscritos de viagem de Osman Lins sob supervisão do Dr. Adam Joseph Shellhorse, na Temple University, Filadélfia, Pensilvânia, E.U.A. E-mail: maria.aracy@ufma.br.

**Keywords:** *Osman Lins; Travel Literature; Literary Archive; Manuscripts; Marinheiro de Primeira Viagem.*

Brincava a criança  
Com um carro de bois.  
Sentiu-se brincando  
E disse, eu sou dois!

Há um a brincar  
E há outro a saber,  
Um vê-me a brincar  
E outro vê-me a ver.

**Fernando Pessoa**

Em adição às duas primeiras estrofes desse poema de Pessoa, o escritor gaúcho Erico Verissimo escreveu em um de seus livros de viagem, *Israel em Abril*:

Penso: Brinco de viajar, e viajando às vezes me digo que sou dois: um que viaja e outro que se vê viajar. No meu caso haverá um terceiro, o que vai escrever sobre o que viajou e o que se viu viajar. Depois virá um quarto *eu*: o que ler o que o terceiro escreveu sobre o que viajava e o que se via viajar (VERISSIMO, 1997, p. 118).

Há um tom espirituoso na citação de Verissimo e oportunamente uso-a aqui, pois, apesar de absolutamente diversos em matéria de estilo e origens, mesmo em suas narrativas de viagem – o ponto de vista de Verissimo (que é já intertextual, referindo Pessoa) me fez conectar à escolha de Lins ao narrar de *Marinheiro* em terceira pessoa. Assume desde as primeiras linhas ser um indivíduo diante de uma narrativa a ser **escrita**, não a descrição de uma viagem, simplesmente, com foco na paisagem. Evoca em seu texto espaço e tempo para que este novo curso, dessa vez um texto, faça-se diante do leitor e não do turista ordinário, que lança mão de manuais detalhados, para melhor desfrute de viagens. Diz ele:

EIS A ÚLTIMA ETAPA DA VIAGEM. Tempo de sentar-se e de **escrever**, penetrar nesses meses que passaram, tentar parcialmente **refazê-los. Que se evoquem, hoje, o desembarque em Bordéus, num sábado de Carnaval, as primeiras horas neste continente (...).** **Acaba** de chegar a Lisboa, **está** num velho hotel (LINS, 1980, p. 07) (grifos meus).

O excerto acima, tirado dos dois primeiros parágrafos do livro, situa a leitura – em início ligada ao fim do trajeto físico, ainda em solo europeu (Lisboa), e assume a escrita como espaço outro daquele percorrido -, o que fica claro quando utiliza o verbo “refazer”. O uso do texto de Verissimo atende aqui apenas à remissão que se deu em minha leitura: conectou os escritores, sob a égide de um gênero, além do que, tem para mim valor de estima acadêmica, uma vez que foi a primeira pesquisa que elaborei no curso de Letras, na graduação. Importa aqui apenas como atenção que se volta ao tema, considerando tanto meu amadurecimento intelectual, quanto o reconhecimento que observo do destaque do texto osmaniano no ambiente do gênero da escrita de viagem.

O ato de viajar urdiu o escritor Osman Lins de modo indelével. Retomo, sobre tal assunto, o que diz Sandra Nitrini, quando afirma que

Embora saudado e elogiado unanimemente pela crítica, quando de seu lançamento, esse livro sempre foi visto como uma produção à parte no conjunto de sua obra. Talvez isso se deva ao fato de considerar-se, em geral, o gênero Literatura de Viagem periférico, destinado a leitores definidos, numa determinada sociedade, numa época dada, o que condiciona o olhar crítico menos atento. Por outro lado, o próprio Osman Lins, sem querer, contribuiu para colocar no limbo esse seu livro, ao dizer que, voltando de sua viagem, estava tão tomado por essa experiência, que não conseguia se dedicar à ficção inovadora, a menina de seus olhos. Então, numa espécie de gesto catártico, resolveu escrever *Marinheiro de primeira viagem*, para se livrar das lembranças que tanto o impediam de se dedicar a seu projeto literário. Ledo engano dele e dos críticos de sua obra (NITRINI, 2010, p. 113).

Em complemento, demonstro a seguir a entrevista em que Lins menciona o assunto de que tratou Nitrini e que nomeia este texto, atenta ao ponto de que na literatura osmaniana o tratamento com a laboriosa escrita não se dá aleatoriamente. Ainda que de modo consciente avalie como “*divertissement*”, “entretenimento”, Osman colheu na Europa um sem número de pérolas que virão a compor sua obra a partir dali. É de fato como que um trajeto iniciático que avulta tanto a criatividade, quanto a técnica de Lins.

Diz ele a Edna Savaget, em 1963, quando havia há pouco lançado sua primeira narrativa de viagem, *Marinheiro*, em resposta à pergunta “Que planos literários tem?”:

Acredito caminhar para a conquista de uma visão singular e intensa do Universo. Assim, meu plano fundamental é este, criar uma obra que, na sua totalidade, transmita essa visão e seja, ao mesmo tempo, a história nova da sua conquista. Esta atitude, não impedirá, porém, eventuais incursões no terreno do *divertissement*, pois sinto, a espaços, necessidades de repouso e de me despojar do que eu chamaria os — **resíduos da imaginação** (LINS, 1979, p. 132). (grifo meu).

Como não perceber na ficção osmaniana, sobretudo em *Nove, Novena* (1966) e em *Avalovara* (1973) os traços da estética que modelaram o inadvertido viajante? Motivos barrocos, a música, a luminosidade espacial, cenários. Os tais resíduos mencionados, portanto, reverberam para além do *divertissement*, e as cadernetas de notas, companheiras inseparáveis (pelo que se percebe em seu detalhamento) operam como dispositivo de lembrança, devaneios, exercícios de escrita, diário pessoal de viagem e que possibilitarão o desfecho da viagem em si: “EIS A ÚLTIMA ETAPA DA VIAGEM. Tempo de sentar-se e de escrever”. O processo de submersão no vivido se constroi sobre as frases dispostas na ferramenta manuscrita e há nessa transposição um aprendizado relevante para a pesquisa literária.

Munida, pois, dos manuscritos e reprodução de imagens obtidos no acervo de Lins, no site do Instituto Cultural Osman Lins – ICOL, utilizo também trabalhos científicos e material concedido de outros pesquisadores da obra osmaniana. Um desses, recolhido por Elizabeth Hazin e cedido a mim para compor o painel do Osman Viajante mostra em documento elaborado pelo próprio Osman listando as viagens ao exterior até o ano de 1970, pois ele foi ainda a Europa em 1969, 1971, 1973, 1975.

PROC. N.º 534-80	PROC. N.º PG-03/10
FLS 32	FIC...N.º 31
RUBRICA. J.A.	RUBRICA. A

NOME:  
OSMAN da Costa LINS

DATA DO NASCIMENTO:  
5 de julho de 1924

NACIONALIDADE:  
Brasileira

NATURALIDADE:  
Pernambucana (Vitória de Santo Antão)

PROFISSÃO:  
Escritor. - Funcionário do Banco do Brasil S.A., servindo atualmente na Biblioteca da Agência Centro de São Paulo (SP)

ESTADO CIVIL:  
Desquitado (1)

RESIDÊNCIA:  
Rua Campina, 1112, apt.º 71, São Paulo.

1) Em 15 de setembro de 1964, contraiu matrimônio, na Bolívia, com D. Julieta de Godoy Ladeira, brasileira, solteira, publicitária. Tal união permanece até hoje, sendo de notar que D. Julieta de Godoy Ladeira (pertencente a tradicional família paulista) é autora de um livro de contos - Fasse as Férias em Nassau, Ed. GRD, Prêmio Jabuti de 1962) e de um romance ainda inédito.

FIGURA 1 IMAGEM CEDIDA POR ELIZABETH HAZIN

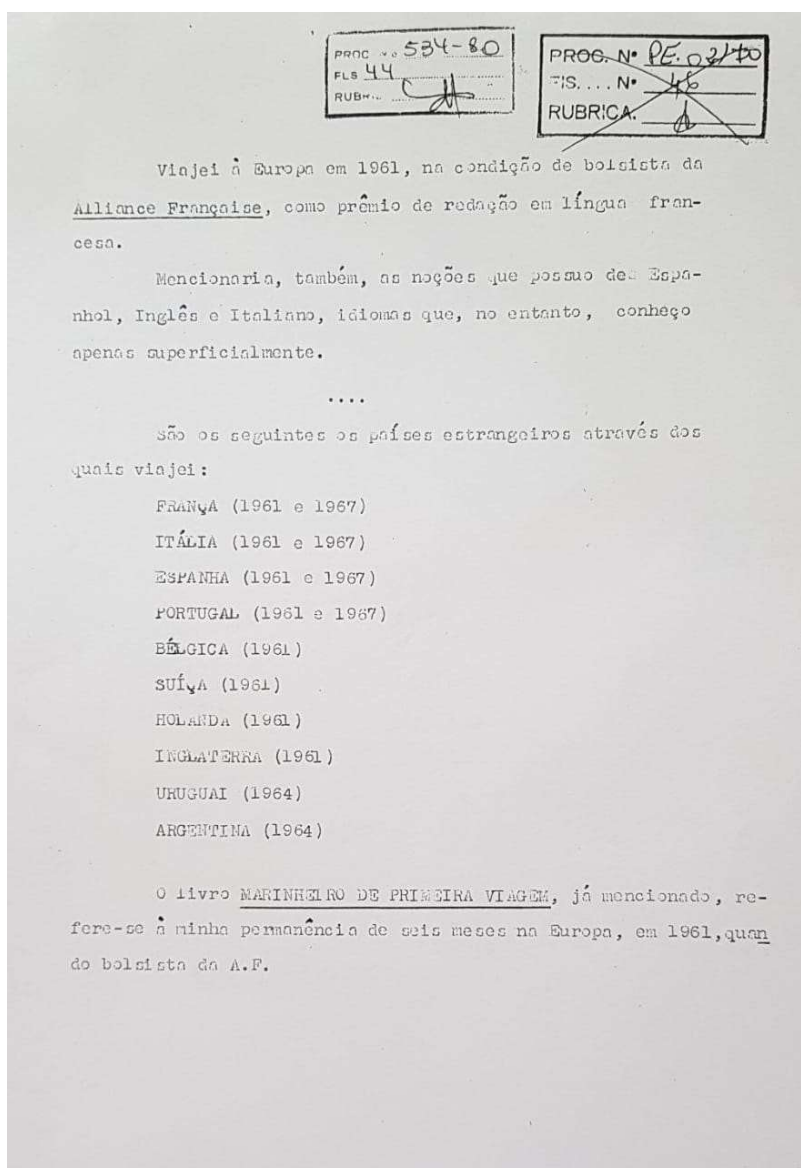


FIGURA 2 IMAGEM CEDIDAS POR ELIZABETH HAZIN

Como previamente enunciado, devo deter-me neste artigo em alguns detalhes vivenciados e anotados por Osman na primeira viagem europeia – não que as seguintes detenham importância menor – apenas como recorte didático para o artigo aqui em curso.

Uma coisa é certa: assim como tinha opinião bem definida sobre qualquer tópico, sem se esgueirar em respostas imprecisas, Osman assumia o que pensava e expunha sempre que podia. Em uma das mais reveladoras entrevistas que concede, em que, por exemplo aponta a origem do nome do pássaro Avalovara – homônimo ao livro,

responde a muitas perguntas a Geraldo Galvão Ferraz, dentre as quais, sobre ter um possível *hobby*:

Não coleciono nada e não tenho tempo para passatempo. Gosto de ler, de ouvir música, de filmes que não sejam imbecis nem pedantes. Há, além disso, três coisas pelas quais eu vou longe: praças, relógios estranhos e fenômenos celestes. Não essas pracinhas ajardinadas que vemos por aí: e sim praças como a de São Marcos, em Veneza (LINS, 1979, p. 170).

Osman Lins viajava para buscar. O espírito que ansiava por descobrir e decifrar nutria o espírito artístico que o fazia escrever sua ficção – o mover-se no mundo consubstanciava, nutria o escritor. O ato de viajar tem para o escritor algo de iniciático, catártico. Não resta dúvida alguma que a primeira viagem à Europa atuou decisivamente na mente criadora de Lins: chega de fato a ser um divisor de águas na criação osmaniana.

Sobre tal afirmação, tomemos o artigo intitulado “Isolamento cultural” datado de 3 de julho de 1976 e publicado em *Evangelho na Taba*, nas palavras de Lins:

(...) foi após uma estada mais ou menos longa pela Europa, em 1961, que passei a ver e a compreender melhor o meu país. Esse distanciamento fez com que eu tivesse do Brasil uma idéia mais clara, mais nítida. Senti-me, depois da viagem, mais ligado a ele, ao mesmo tempo que passava a enxergar com olhos novos as suas deficiências. Isso, bem sei, foi uma experiência pessoal e não me animo a generalizá-la. Ela prova, em todo caso, que viajar para fora das fronteiras não é algo nocivo. Tanto podemos aproximar-nos do Brasil estando nele (nunca esquecerei minha viagem às velhas cidades de Minas Gerais), como longe dele.

Acho ainda que as viagens a lugares mais evoluídos e carregados de tradição, mesmo quando realizadas por pessoas um tanto medíocres, são necessárias ao nosso processo civilizatório. Tenho em mente, aqui, os países europeus, muitos dos quais, felizmente, conheço. Só quem viveu essa experiência pode saber o que ela significa. Visitar a Europa não é apenas sair de casa. Mergulhamos, ali, nas camadas mais profundas de civilização. Eis as grandes cidades históricas e artísticas. Eis as pequenas cidades muradas, os castelos, as igrejas dos primeiros séculos, as obras bizantinas, as catedrais góticas, as arenas. Isso não existe no turismo interno. Eis os infinitos museus, onde repousa, para edificarmos, o que o homem tem guardado e conservado de sua longa aventura no mundo. Museus da arte egípcia, preciosidades da Assíria, da arte romana, da navegação, das porcelanas, da arte grega, dos relógios, da



pré-história, da escrita, da China, da tapeçaria. (A desordem, aqui, é intencional, quero expressar a fantástica riqueza de informações culturais com que se defronta o visitante nessa Europa cada vez mais distante, que se sugere substituir pelo turismo interno.) Também se encontra o que há de melhor e de mais importante na arte do nosso tempo (LINS, 1979, pp. 39-40).

A amplitude em níveis múltiplos que uma viagem pode propiciar a um indivíduo assemelha-se, na visão de Lins, a um modo de ler, a um aprendizado, ou em suas palavras, a um mergulho cultural. Como pesquisadora, atesto que a verificação das anotações de cunho pessoal, feitas por Lins durante a viagem de 1961 respaldam a imersão na análise certamente das mais enriquecedoras de um escritor.

A análise documental tem o poder de dotar o pesquisador de lançar-se também, em deslocamento mental, de estudo, de aporte em texto com vistas à construção do perfil que um escritor desse vulto traçou para si mesmo. Sobre tal afirmação, escreve a pesquisadora de crítica biográfica, Eneida Maria de Souza:

A sedução pelos manuscritos, cadernos de notas, papéis esparsos, correspondência, diários de viagem e fotos tem como contrapartida a participação efetiva do pesquisador para a construção de ensaios de teor biográfico. A tarefa, a princípio simples, reveste-se de complexidade, por se tratar de uma prática narrativa que une objetividade com estilo pessoal, concisão com clareza expositiva. No exercício dessa prática, o apelo ao ficcional atua como procedimento que formaliza o texto e o molda segundo princípios comuns à arte da escrita (SOUZA, 2011, p. 09).

A aproximação inevitável que se tece entre a figura biográfica e o pesquisador pode ser um auxiliar de envolvimento, é claro, mas que urge de manutenção do olhar crítico para discernir com mais clareza o modo com que a escrita deste artista se faz e da relação que urde com a própria literatura, com seu povo, com sua língua. Do contrário, dotarmo-nos de estudos sobre os registros seria inútil e sua avaliação falha.

Osman Lins não só desejou fortemente, como lutou para conseguir a realização dessa, que viria a ser a sua primeira (e definitivamente a mais decisiva), viagem ultramarina.

Aos trinta e seis anos, carregando na bagagem dois livros premiados – *O visitante* e *Os gestos* mais a encenação de sua primeira peça de teatro *Lisbela e o prisioneiro* e ainda os manuscritos de *O fiel e a pedra*, Osman Lins desembarca na França, em 1961, como bolsista da Aliança Francesa.

Sua entrada na Europa é por Bordeaux, onde atraca o navio “Manga” e de onde prossegue, de trem, até seu destino: Paris. Seis meses depois deixa a Europa. Seu ponto de partida é Lisboa, onde toma o avião rumo a Recife.

Na sua bagagem de mão, Osman Lins marinho de primeira viagem à Europa, carrega um objeto preciosíssimo: um plano cultural rígido de visita a catedrais, a museus, de idas a espetáculos de teatro, de entrevistas com escritores, tudo isso em função de seu projeto literário. (...) O contato com as catedrais góticas, com os retábulos românicos despertariam no escritor novas concepções artísticas que desenvolveria de modo original, em suas obras posteriores. (NITRINI, 2010, pp. 65-66).

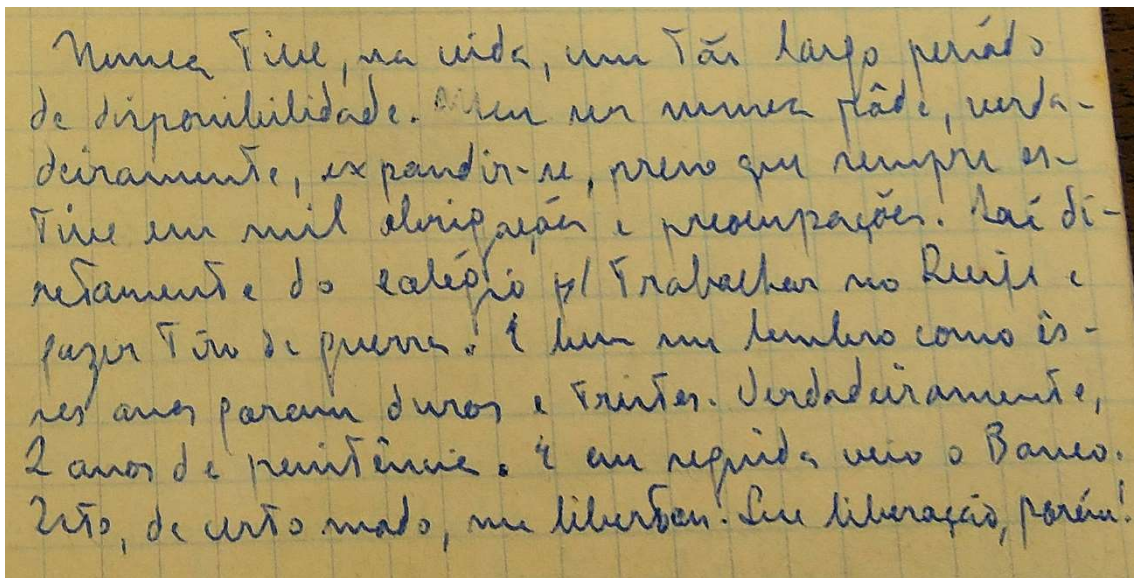


FIGURA 3 FRAGMENTO DE DIÁRIO DE VIAGEM DE OSMAN LINS (FCRB)

Transcrevo:

Nunca tive, na vida, um tão longo período de disponibilidade. Meu ser nunca pôde, verdadeiramente, expandir-se, preso sempre estive em mil obrigações e preocupações. Saí diretamente do colégio p/ trabalhar no Recife e fazer tiro de guerra. E bem me lembro como esses anos foram duros e tristes. Verdadeiramente, 2 anos de penitência. E em seguida veio o Banco. Isto, de certo modo, me libertou. Que libertação, porém!

Certamente, ele tinha consciência que algum impacto em sua mente criadora ocorreria. O jovem viajante filtrou minuciosamente – com pouquíssimas fotografias à época (uma delas é a que está na abertura deste artigo, em Paris - 1961), valendo-se das descrições anotadas na construção de ideias acerca de cada coisa vista: gestos, roupas, cores, objetos de todas as ordens, tudo, tudo. A impressão que dá, é que as anotações eram praticamente simultâneas aos elementos percebidos. O valor inestimável que as viagens legaram aparecem, sim, de forma poderosa na arte osmaniana.

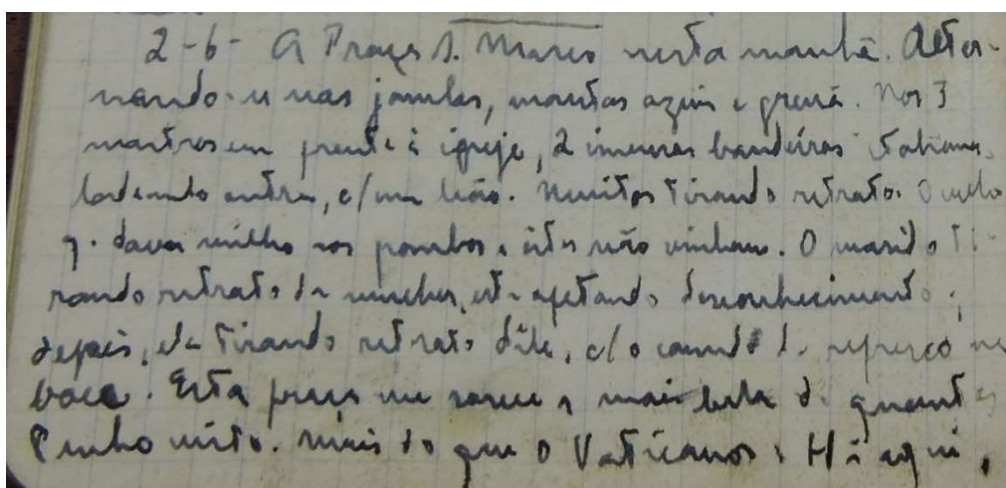


FIGURA 4 FRAGMENTO DE CADERNETA COM DE DIÁRIO DE VIAGEM DE OSMAN LINS (FCRB)

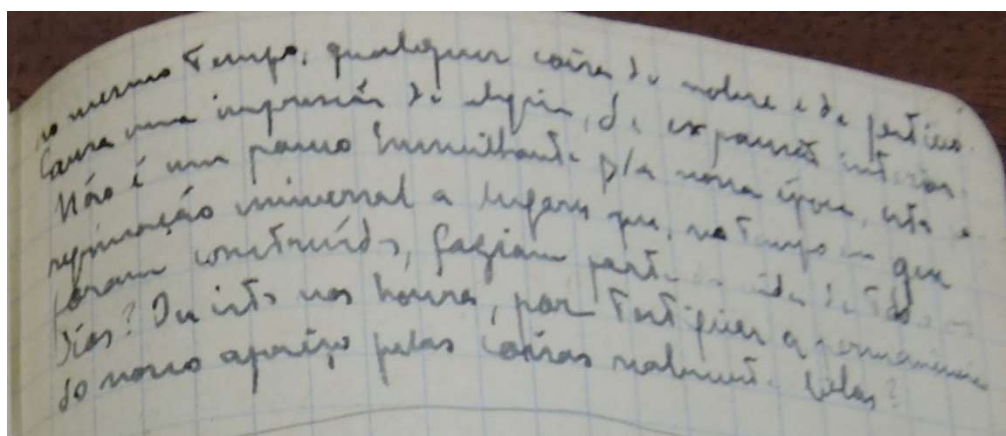


FIGURA 5 FRAGMENTO DE CADERNETA COM DE DIÁRIO DE VIAGEM DE OSMAN LINS (FCRB)

Transcrevo os dois fragmentos acima, que são subsequentes:

A Praça S. Marcos nesta manhã. Alternando-se nas janelas, mantas azuis e grená. Nos 3 mastros em frente à igreja, 2 imensas bandeiras italianas ladeando outra c/ um leão. Muitos tirando retratos. O velho que dava milho aos pombos e êstes não vinham. O marido tirando retrato da mulher, esta afetando desconhecimento; depois êle tirando retrato dele, com o canudo do refresco na boca. Esta praça me parece 1 das mais belas quantas tenho visto. Mais do que o Vaticano. Há aqui ao mesmo tempo, qualquer coisa de nobre e de festivo. Causa uma impressão de alegria, de expansão interior. Não é um pouco humilhante p/ a nossa época esta peregrinação universal a lugares que, no tempo em que foram construídas, faziam parte da vida de todos os dias? Ou isto nos honra, por fortificar a permanência do nosso aprêço pelas coisas realmente belas?

A indagação cala fundo e ecoa. De todas as formas mais intensas possíveis que alguém possa, Osman Lins se ligou e desejou fortemente ser reconhecido por sua arte. Ele tinha segurança de ofertar um trabalho burilado e bem feito – segurança de poucos, ilusão de muitos. Certificou-se que o legado deveria ser, com todo afínco, merecedor de atenção e de respeito.

As viagens que tanto se esforçou para realizar foram tão somente etapas de sua escrita. Escrita se fazendo através da leitura do mundo. Por fim, arrisco dizer sobre ele, com suas palavras mesmas, o que disse sobre Anchieta: “Ele é um viajante e um decifrador também em outros sentidos” (LINS, 1979, p. 21).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Hugo. (org.) *O sopro na argila*. São Paulo: Nankin editorial, 2004.

BONFIM, Maria Aracy. “As Viagens de Erico Verissimo”. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, p. 78. 2001.

INSTITUTO CULTURAL OSMAN LINS (ICOL). Online. Disponível em <<http://osmanlins.org/Di%C3%A1rio%20de%20Bordo>> Acesso em agosto, 2020.

HAZIN, Elizabeth. Arquivo da pesquisadora. Imagens cedidas em 2020.

LINS, Osman. *Marinheiro de Primeira Viagem*. 2 ed. São Paulo: Summus, 1980.

LINS, Osman. “Diário de viagem”. FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro - ARQUIVO OSMAN LINS. 2012/2014.

LINS, Osman. *Evangelho na Taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

NITRINI, Sandra. *Transfigurações – ensaios sobre a obra de Osman Lins*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2010.

PESSOA, Fernando. “Carro de Bois”. Online. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/3651> Acesso em janeiro de 2021.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

VERISSIMO, Erico. *Israel em abril*. 11 ed. São Paulo: Globo, 1997.